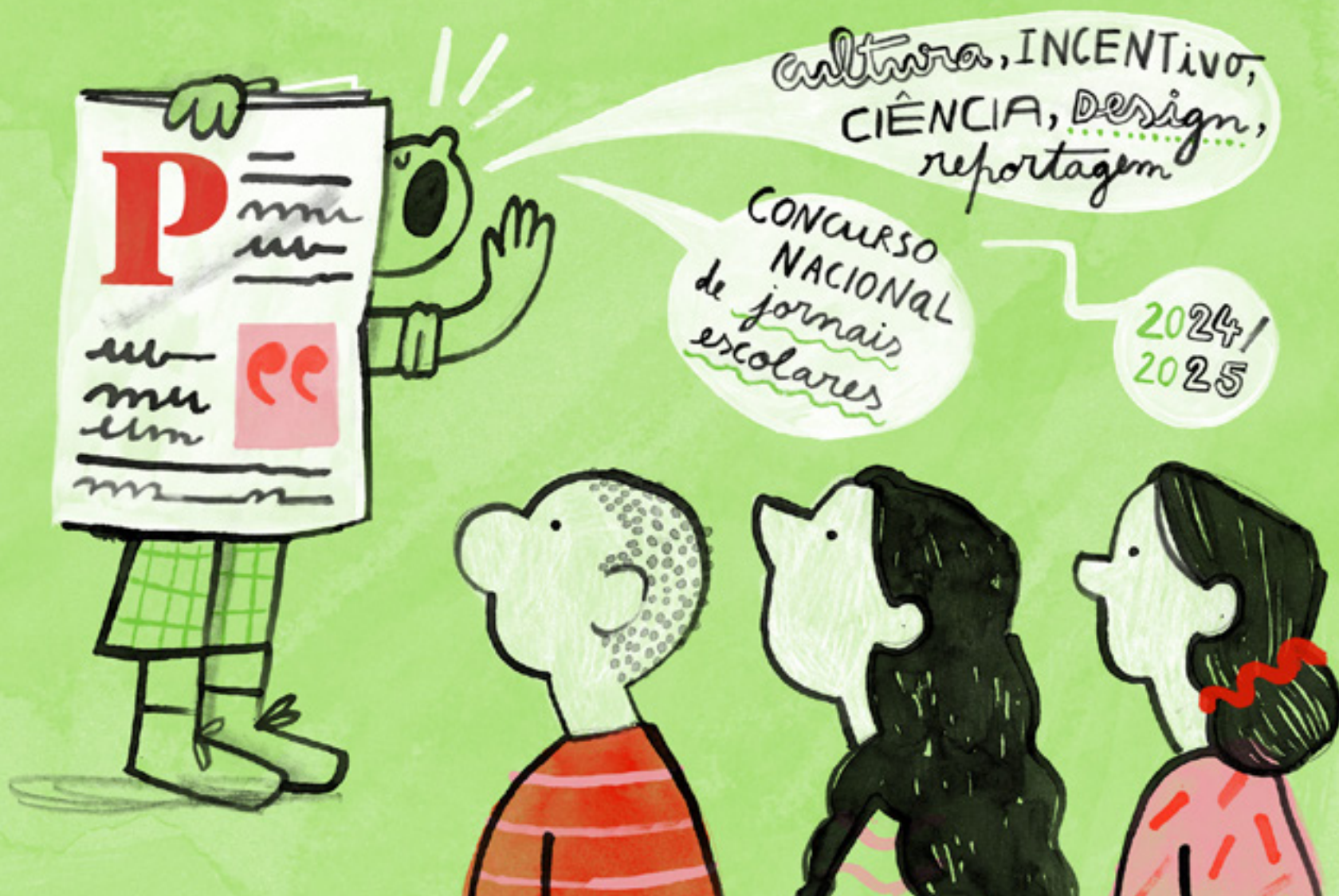


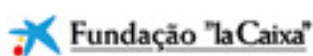


Está aberto o Concurso Nacional de Jornais Escolares



Gabriela Pedro

Com o apoio de:



EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E INOVAÇÃO





Editorial de **Bárbara Simões**

COORDENADORA DO PÚBLICO NA ESCOLA

Jornais escolares, mais de 10 mil euros em prémios, adolescência, palavras cruzadas...

Reticências. Porque podíamos continuar por aqui fora, a enumerar: Camões, jovens jornalistas, imigração como tema para os alunos debaterem e adaptarem a diário de bordo, violência contra as mulheres, uma geração que “aprendeu com o passado a ter cautelas com os sonhos”... De tudo isto é feito este número 3 do Boletim PÚBLICO na Escola.

No dia em que fechamos a edição, 28 de março, abrimos as candidaturas do Concurso Nacional de Jornais Escolares. Com novidades, como sempre. Mais prémios, um novo patrocinador de um prémio especial e a expectativa de voltar a receber uma “montra” consistente e

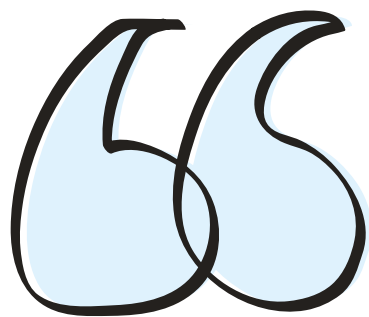
sempre surpreendente do jornalismo escolar que se faz pelas escolas portuguesas, dentro e fora do país.

Sem intenções de concorrer, mas com lugar já garantido nesse rol de publicações existentes, damos hoje a conhecer o Jornal do Encontro Nacional de Jovens Jornalistas. Mais do que um jornal é uma experiência (inolvidável, já agora, e são várias vozes a dizê-lo). Ao trazê-lo para as páginas do Boletim trazemos também esse grande acontecimento de jornalismo escolar que é o encontro anual de jovens jornalistas, organizado pelo PÚBLICO na Escola e pela Direção-Geral da Educação desde 2022.

E o que é que continua a ser assunto e a animar discussões neste dia

em que fechamos a edição, 28 de março de 2025? Duas pistas: série e Netflix. Muito se tem dito e escrito sobre *Adolescência*, esse fenômeno global. A nossa proposta, no desafio preparado pela Luísa Gonçalves, é que sejam os alunos a liderar esse debate à volta das questões levantadas pela série. Se der jeito imprimir as páginas, é fácil. Todo o Boletim é paginado em formato A4, para facilitar a impressão total ou parcial (um desafio, um plano de aula...).

A fechar, o regresso de um aliado. O Paulo Freixinho, autor das Palavras Cruzadas do PÚBLICO, é um dos grandes aliados do PÚBLICO na Escola – é assim que chamamos a essas pessoas que gostam do projeto e que se empenham em ajudar-nos a torná-lo mais interessante e completo. A rubrica “Vamos Cruziscar”, anteriormente publicada no nosso *site*, chega agora às páginas do Boletim. Palavras Cruzadas feitas especialmente para nós, com assuntos nossos, títulos nossos... Um mimo. Obrigada e até daqui a um mês.



E o que é continua a ser assunto e a animar discussões neste dia em que fechamos a edição, 28 de março de 2025? Duas pistas: série e Netflix. Muito se tem dito e escrito sobre *Adolescência*, esse fenômeno global. A nossa proposta é que sejam os alunos a liderar esse debate à volta das questões levantadas pela série.



Alguns dos jornais impressos que participaram na última edição do concurso.
FOTO: Nelson Garrido

Concurso Nacional de Jornais Escolares com três novos prémios

Ano letivo 2024-25

Valor total dos prémios ultrapassa os 10 mil euros. Fase de inscrições termina no final de maio.



TEXTO DE PÚBLICO NA ESCOLA

Prémio 25 de Abril - Melhor Trabalho sobre o Poder Local Democrático; Prémio Melhor Trabalho Dinamizado pela Biblioteca Escolar; e Prémio Melhor Trabalho de Promoção da Leitura. Estes três novos prémios especiais marcam a edição de 2024-25 do Concurso Nacional de Jornais Escolares. Patrocinam-nos, respetivamente, a Comissão Comemorativa 50 anos 25 de Abril, a Rede de Bibliotecas Escolares e o Plano Nacional de Leitura, que agora se junta ao grupo de patrocinadores de um conjunto de prémios que ultrapassam, desta vez, os 10 mil euros (10 500 euros, no total).

O período de inscrição das publicações a concurso decorre entre 28 de março e 31 de maio de 2025. E também aqui há uma novidade: ao contrário dos anos anteriores, desta vez quem se inscreve indica a qual ou quais dos oito prémios especiais

se candidata. As várias opções (ver lista na página seguinte) constam do formulário de inscrição e dizem respeito apenas aos prémios especiais. Todos os participantes continuam a ficar automaticamente habilitados aos quatro maiores prémios: primeiro e segundo melhor jornal de escola; primeiro e segundo melhor jornal de agrupamento.

O formulário de inscrição encontra-se no regulamento do concurso, cuja leitura integral se recomenda.

Datas a fixar

Fechada a fase de inscrições, no dia 31 de maio, os participantes dispõem de mês e meio para enviar os materiais – entre 1 de junho e 15 de julho. Os vencedores são anunciados no final de outubro.

Podem participar no concurso agrupamentos de escolas e estabelecimentos de ensino dos 1.º, 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e do ensino secundário do continente, regiões autónomas e comunidades portuguesas no estrangeiro. São admitidas publicações em papel ou digitais, *online* ou com edições em papel e em formato digital.

O Concurso Nacional de Jornais Escolares acompanha o projeto PÚBLICO na Escola desde a sua fundação, há 35 anos. Entre os objetivos da iniciativa incluem-se: fazer dos jornais escolares um instrumento cívico para a discussão de temas relevantes para a comunidade escolar e para a promoção de relações entre a escola e o meio envolvente; aprofundar o conhecimento da atividade jornalística; contribuir para o combate à desinformação.

Prémios 2024-25

PRÉMIO POR CATEGORIA DE PARTICIPAÇÃO

CATEGORIA A

– MELHOR JORNAL DE AGRUPAMENTO

1.º prémio: 2000 euros

2.º prémio: 1000 euros

CATEGORIA B

– MELHOR JORNAL DE ESCOLA

1.º prémio: 2000 euros

2.º prémio: 1000 euros

PRÉMIOS ESPECIAIS:

Prémio Melhor Reportagem: 1000 euros

Prémio Incentivo:

500 euros + *workshop* “Como fazer um jornal”

Prémio Melhor Design Gráfico: 500 euros

Prémio 25 de Abril – Melhor Trabalho

sobre o Poder Local Democrático: 500 euros

Prémio Melhor Trabalho de Ciência: 500 euros

Prémio Melhor Trabalho de Cultura: 500 euros

Prémio Melhor Trabalho Dinamizado

pela Biblioteca Escolar: 500 euros

Prémio Melhor Trabalho de

Promoção da Leitura: 500 euros





Como numa redação, no pavilhão da ES Emídio Navarro houve o objetivo comum de fazer um jornal. FOTO: Clube de Fotografia do Agrupamento de Escolas Emídio Navarro

Um jornal sempre com muitos jornais escolares dentro

Jornal do Encontro Nacional de Jovens Jornalistas

Criado em 2023, dá conta do que se passa num evento anual muito especial. Este ano, o ginásio da Secundária Emídio Navarro, em Almada, transformou-se numa redação.

Conseguimos ouvi-los perguntar, de mesa em mesa: “Desculpem, são professoras?” De caderno e lápis na mão, não perdem tempo para começar a trabalhar. Afinal, é para isso que aqui estão. Beatriz Correia, 11 anos, e Pedro Neves, de 12, são dos participantes mais novos do 4.º Encontro Nacional de Jovens Jornalistas (ENJJ), mas a segurança com que se movem desafia quaisquer preconceitos associados à sua idade e ano de escolaridade. Nas edições anteriores do *Villaretiano*, jornal da Escola Básica João Villaret, em Loures, já punham esforço e dedicação. Mas há qualquer coisa diferente, agora; um antes e um depois.

Estão no ginásio da Escola Secundária Emídio Navarro, que na manhã

final do encontro se transformou numa autêntica redação. Prepara-se o Jornal do 4.º Encontro de Jovens Jornalistas ([pode ser lido aqui](#)). Depois de uma noite a acantonar no ginásio da Cacilhas-Tejo, de 13 para 14 de março, voltam a ver os espaldares e as linhas de marcação do campo. Só que enquanto a noite foi de diversão e convívio (com muito UNO jogado e conversas até de madrugada), a manhã é de concentração. Há mesas espalhadas pelo espaço e grupos de alunos e professores com a mesma missão: construir o jornal do 4.º ENJJ na plataforma – TRUE – de criação de jornais escolares digitais do PÚBLICO na Escola. No fundo, pôr em prática o que aprenderam e eternizar as memórias do que foi vivido, através do olhar de cada um.

O desafio já tinha sido duplamente lançado no primeiro dia: por Bárbara Simões, jornalista e coordenadora do PÚBLICO na Escola, logo na sessão de abertura, e depois pelos jornalistas do PÚBLICO que dinamizaram os *workshops*. No caso do jornalista de dados Rui Barros, o exercício começou com a projeção de uma tabela de Excel com dados dos participantes do evento e uma pergunta: “O que é que gostavam de saber que não está aqui?” Pedro e Beatriz quiseram saber a dispersão geográfica de professores e alunos ali presentes. Eram esses dados que tinham escritos à mão nas folhas de papel.

Para o “professor”, como lhe chamavam, o mais importante era “perceberem que perante uma base de dados conseguem fazer alguma coisa”, até porque aprender a trabalhar com novas ferramentas não é a grande questão para gerações mais no-

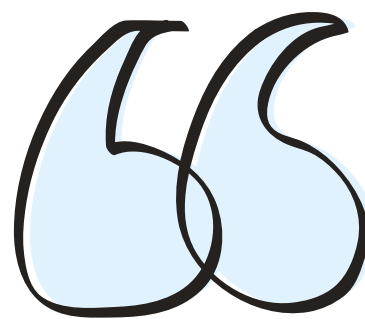
vas – defende Rui Barros. “A gente gostou bastante do *workshop*, o Pedro entusiasmou-se muito com a ideia e quis fazer um artigo com dados”, conta Beatriz. O colega confirma. Não sabia que dava para contar histórias desta forma, mas gostou tanto de aprender que acabou a pedir um autógrafo ao formador. “Achei que um dia poderia querer recordar aquele momento.”

Poder recordar os momentos vividos nestes encontros foi uma das razões que levaram à criação do Jornal do Encontro Nacional de Jovens Jornalistas. Anual e feito na plataforma TRUE, nasceu nos dias 3 e 4 de maio de 2023, na Escola Secundária José Saramago, em Mafra, onde decorreu a segunda edição do evento (o primeiro foi em Lisboa). Com cinco secções: Mafra, Workshops, Testemunhos, Diversos e By night (houve um *peddy-paper* noturno).

No ano seguinte, em abril, Ponte de Lima acolheu o terceiro encontro e o jornal respetivo passou a ter uma secção fixa, que passa de ano para ano. Chama-se “Em retrospectiva...” e funciona como arquivo do próprio jornal: além das edições anteriores, reúne trabalhos do PÚBLICO na Escola, publicados noutra altura, sobre cada jornal escolar anfitrião, por exemplo.

Diversidade de olhares

Este mês, em Almada, a manhã de sexta, ainda não tinha passado uma hora do início da atividade e o *backoffice* do jornal do encontro já se ia compondo. Cada grupo ia carregando os seus artigos, fotografias e ilustrações com total autonomia. Por lá começaram a aparecer textos sobre momen-



Enquanto a noite foi de diversão e convívio, a manhã é de concentração. Há mesas espalhadas pelo espaço e grupos de alunos e professores com a mesma missão: construir o jornal do 4.º ENJJ.



O professor Luís Maia e jovens jornalistas na preparação do jornal.

FOTO: Clube de Fotografia do Agrupamento de Escolas Emídio Navarro

tos da programação, pessoas e acontecimentos caricatos destes dois dias. No grupo que juntava o *Margem Certa* e a ESM TV (Escola Secundária de Monserrate, Viana do Castelo), decidiram dividir o trabalho e fazer aquilo de que cada uma mais gostava. Cláudia Silva, 15 anos, de Almada, escreveu uma crónica sobre “como quando mentes jovens se juntam podem criar algo muito novo”; Izabela Kososki, 17, de Viana, ilustrou-a.

Na mesa ao lado, jornalistas do *Mar da Palha* faziam equipa com *O Furo*. O tema? As diferenças de preços entre o baixo Alentejo e Almada. É mais específico ainda, e Carolina Barradas, 17 anos, explica: “O meu professor foi ao bar comprar uma garrafa de água e disse-nos o preço. Elas acharam normal, mas nós, como no Alentejo uma garra-

fa de 1,5L custa 25 cêntimos, achámos muito exagerado.” Desse ponto de partida, abriram a reflexão e acabaram a escrever um texto a várias mãos, com um tom irónico. Na fotografia que acompanha o texto vê-se uma das alunas a beber uma garrafa de água, na descrição lê-se: “A beber puro ouro...”

A partir do mesmo encontro foram produzidos conteúdos muito diferentes – na forma e no conteúdo. São o espelho da diversidade de olhares que este grande encontro reuniu, e dos encontros que proporcionou. O professor Luís Maia, coordenador do *Margem Certa*, sente que é uma oportunidade de os alunos expandirem a sua noção de Mundo. “Este contacto com elementos exteriores e visões que às vezes eles não consideram, aqui compatibilizam-se.”

O resultado final deste jornal do encontro “é notável”, sublinha Bárbara Simões. Foi “tudo escrito e carregado na plataforma TRUE num par de horas”. No final “formava-se fila para vir comunicar que a notícia x estava pronta”. Agora, já toda a gente pode lê-las.

O Encontro Nacional de Jovens Jornalistas é co-organizado pelo PÚBLICO na Escola e a Direção-Geral da Educação, com o apoio de estabelecimentos de ensino, autarquia e centro de formação das localidades envolvidas.



X

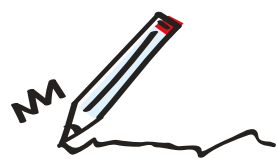
Bilhete de Identidade

NOME <i>Jornal do Encontro Nacional de Jovens Jornalistas</i>	COORDENAÇÃO Bárbara Simões (coordenadora do PÚBLICO na Escola)
DATA DE NASCIMENTO Maio de 2023	JORNALISTAS RESIDENTES: Participantes em cada um dos ENJJ: alunos, professores, organizadores, convidados...
FORMATO: Digital	
PERIODICIDADE Anual (cada edição coincide com o Encontro Nacional de Jovens Jornalistas-ENJJ)	



Os Lusíadas: mais um tesouro para Guimarães

Um achado inesperado numa cidade cheia de História, pretexto para uma visita à biblioteca da Sociedade Martins Sarmento.



REPORTAGEM DE
MANUEL RAMOS E GUILHERME SOARES

A propósito dos 500 anos de nascimento de Camões, propusemo-nos descobrir um exemplar único da primeira edição de *Os Lusíadas*, datado de 1572, existente na Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães. Fomos recebidos por Salomé Duarte, uma das bibliotecárias desta instituição de renome na cidade.

Ao entrar na biblioteca da sede da Sociedade Martins Sarmento, de imediato sentimos o cheiro a livro antigo que emana das estantes de madeira, e que, aliado à tranquilidade do espaço, contribui para in-

Foto DR.





Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento.

FOTO: MANUEL RAMOS



Frontispício da edição original de "Os Lusíadas" conservada na Sociedade Martins Sarmento.

FOTO: GUILHERME SOARES

centivar à descoberta de um dos tesouros que Guimarães guarda nestas estantes.

Começamos por perguntar a Salomé Duarte como é que este exemplar de *Os Lusíadas* veio parar às mãos da instituição. Até aos dias de hoje, sabe-se que o livro pertenceu aos irmãos Cardoso, figuras ilustres da cidade no século XIX.

A longa viagem de um livro épico

Em 1886, a Sociedade adquiriu as bibliotecas dos dois irmãos, em leilão, sem saber da existência deste livro. Foi apenas quando se fez o inventário dos livros obtidos na compra que este tesouro veio a ser descoberto. Não se sabe como foi parar às mãos dos irmãos Cardoso; no entanto, desde que chegou à

Sociedade, nunca mais de cá saiu. É "só" um dos raros 50 exemplares da primeira edição ainda espalhados pelo país e até pelo mundo. Segundo Salomé Duarte, "ter um exemplar desta natureza é um privilégio, pois causa impacto e encanta os visitantes".

Para comprovar o interesse público desta obra, constatamos que o livro se encontra digitalizado no *site* da Sociedade Martins Sarmento (msarmento.org) e que existe também uma edição em *fac-simile*, isto é, exatamente igual ao original. No entanto, o original encontra-se resguardado num cofre bancário, sendo exposto apenas em situações especiais, como por exemplo no passado dia 10 de junho de 2024, a propósito das celebrações do nascimento do Poeta.

"Respeito e fascínio"

Outras ocasiões incluem a visita de investigadores de todo o mundo que vêm de propósito a Guimarães para observar a obra na sua versão original. A bibliotecária Salomé Duarte confirma que manusear o livro causa "respeito e fascínio" – por isso, sempre que a obra é exposta ao público, há muita afluência de visitantes.

A Sociedade preza muito este exemplar, não só pelo seu bom estado como também pelo valor cultural e afetivo, sendo um genuíno exemplar de património nacional.

Para muitos investigadores, nacionais e estrangeiros, estudar a primeira edição de *Os Lusíadas* assemelha-se a um conto de detetives ou a uma história de piratas, devido ao mistério e aura que esta edição encerra.

Uma das curiosidades contadas pela bibliotecária sobre esta primeira edição é que o frontispício (a primeira página da obra) tem a figura de um pelicano com o bico voltado para a esquerda (do leitor), enquanto outros exemplares, de outra suposta primeira edição, apresentam a ave com o bico voltado para o sentido contrário. Isto levou a que muitos estudiosos se dedicassem a investigar esta diferença, o que lhes permitiu comprovar que o exemplar da Sociedade Martins Sarmento era, de facto, da edição original.

Outra curiosidade associada a esta raridade é que foi manuscrita entre dezembro de 2017 e maio de 2018, pelos vimaranenses e todos os outros que quiseram associar-se à proposta do grupo “Voltar à Escola”, uma associação de professores aposentados. Esta iniciativa consistia em que cada pessoa que visitasse a Sociedade, e outras instituições da cidade, copiasse uma estrofe da obra, na sua melhor caligrafia.

As últimas estrofes foram manuscritas pelo Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, a seu pedido, o que revela ainda mais o interesse público da iniciativa.

A importância do estudo da obra

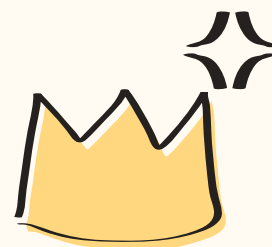
Afinal, porque é que esta obra suscita tanto interesse e é de leitura obrigatória nas escolas?

Salomé Duarte confirma que o estudo deste livro contribui para o conhecimento da História de Portugal e também serve para se perceber melhor o pensamento da época de Camões e o seu génio literário. Realça, assim, como a existência deste exemplar de *Os Lusíadas* prestigia a Sociedade e Guimarães. Ficamos, portanto, com a noção de que, apesar do tempo que passa, as ideias e o impacto desta obra permanecem na História.



Os vencedores do “Jornalistas em Rede” com a bibliotecária Salomé Duarte.

FOTO: HELENA SALAZAR



O concurso “Jornalistas em Rede”, iniciativa do **PÚBLICO na Escola** e da **Rede de Bibliotecas Escolares (RBE)**, destina-se a estudantes do 3.º ciclo do ensino básico. Num primeiro momento ocupa-se da reportagem, depois da entrevista (os trabalhos neste género jornalístico podem ser entregues até ao dia 6 de maio de 2025). O júri que aprecia os trabalhos é constituído por: Bárbara Simões, jornalista e coordenadora do **PÚBLICO na Escola**; e Carla Fernandes e Raquel Ramos, professoras, em representação da **RBE**. No primeiro momento desta edição, relativo à reportagem, foi notório um “aumento substancial” da qualidade geral dos trabalhos submetidos, destaca Carla Fernandes.



Foto: DR

Desafio para alunos

Atreves-te a ser adolescente?



Adolescência, o mais recente fenómeno Netflix, está aí e a dar que falar.

A série britânica de quatro episódios, criada por Stephen Graham e Jack Thorne, com realização de Philip Barantini, foi filmada em plano-sequência, sem cortes, para aumentar a imersão do espectador na narrativa. Mas são os temas que levanta que estão a justificar trabalhos jornalísticos em todo o mundo, a motivar animadas discussões entre especialistas das mais diversas áreas e a ser assunto de conversa de muitos pais e professores, *posts* e *stories*.

De repente, parece que tudo gira à sua volta. E todos parecem ter mais perguntas do que respostas para as questões em foco. O PÚBLICO na Escola não é exceção!

Mas a nossa grande curiosidade é perceber como é que tu e os teus amigos olham para isto tudo. E, por isso, também estamos cheios de perguntas: como adolescentes, o que acham da série e do que ela nos traz sobre violência juvenil, misoginia e o papel dos pais na educação digital? Estes são assuntos das vossas conversas? O que sabem acerca disso? O que leva alguns jovens a entrar na “*manosfera*” e a identificarem-se com fenómenos como o da “cultura *incel*”? Crescer com o digital é mais fácil ou mais difícil? O que esperam, ou gostavam de poder esperar, dos adultos (pais, professores, decisores políticos) para vos ajudar a lidar com estes lados mais opacos do mundo digital? Esta mediatização pode ser útil ou causa-vos preocupação? Sentem que os vossos desafios estão a ser representados da melhor forma? Acham que têm sido ouvidos sobre estas questões?

O que te propomos?

Que organizem um debate para falarem e ouvirem os vossos colegas quanto às principais questões levantadas pela série. Podem apresentar a proposta à Associação de Estudantes da escola e pedir ajuda na organização.

Do que precisam?

- > Vejam (revejam) a série e selecionem curtas passagens que sugiram boas deixas para reflexão e debate com os vossos colegas;
- > Usem-nas para a abertura da sessão;
- > Decidam os tópicos que mais despertarão o interesse dos vossos colegas, de acordo com os segmentos da série que selecionaram;
- > Façam cartazes e *stories* para divulgar a vossa iniciativa. Não se es-

queçam de arranjar um título impactante, de mencionar hora, local e duração e, claro, de informar sobre o mote do debate (série *Adolescência*) para que os participantes saibam ao que vão;

- > Arranjem um espaço adequado para a lotação prevista e tratem de arranjar forma de acomodar os vossos colegas;
- > Definam quem vai moderar.

E se acharem que faz sentido, e nos quiserem ajudar a encontrar algumas respostas, partilhem connosco as vossas opiniões, através de publiconaescola@publico.pt.

Nós queremos muito ouvir-vos!

Deixamos aqui alguns *links* para trabalhos do PÚBLICO relacionados com este assunto:

- > *O que aprender com Adolescência, o fenómeno Netflix do momento;*
- > *Adolescência: “Pensamos que os filhos estão seguros no quarto, mas o mundo entra-lhes pelas mãos”;*
- > *Na Internet contaminada pela misoginia, que futuro se constrói para as mulheres?*
- > *A série Adolescência pôs-nos a falar de incels. Quem são eles?*



LUÍSA GONÇALVES

NOTA: O jornal PÚBLICO não é escrito segundo o Acordo Ortográfico de 1990.

O Alfarrabista



Crónica de Ana B. Pereira

ALUNA DO 12.º ANO
ESCOLA SECUNDÁRIA VITORINO
NEMÉSIO, PRAIA DA VITÓRIA

Quem tem medo do tempo?

Portanto, vamos a eleições outra vez. Vingando Petetela, que em Lisboa foi acusado de não saber utilizar bem a conjunção conclusiva, começo tal como ele começa *A geração da utopia*, título enganador. Trinta anos de Angola em trezentas páginas, desde o despertar da guerra pela independência, por Lisboa, Luanda e Benguela. É um livro sobre ideólogos vencidos e oportunistas das ondas políticas, mas, comum a

todos, uma juventude vivida no seio de grandes ambições para toda a sociedade. Pelo contrário, quem agora sai à rua para lutar contra a regressão da democratização do ensino público nasceu em contraciclo, tal como eu, e as multidões nas ruas parecem apenas exceções nas salas mortíferas do resto do país. A nossa geração aprendeu com o passado a ter cautelas com os sonhos. Em troca da segurança de estar certos sobre o futuro, assumimos que nada

24 de março de 2025, Lisboa.
Marcha dos estudantes do Ensino Superior em defesa do fim das propinas e de maior oferta de residências universitárias.
FOTO: Nuno Ferreira Santos

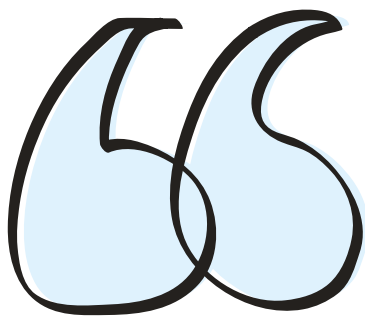
há de bom, desejamo-lo, de certa forma, e como profecia autorrealizável, sem a força de construir algo, a perversidade é votada pela abstenção. Somos “a geração da distopia”.

Para quem conhece um sono irrequieto: *Nostalghia*, de Tarkovsky. As cenas longas, silenciosas, irreais, quasi-sonhos, a variedade suspensa do céu toscano, tudo isso nos fala de um isolamento numa outra realidade, memória deusificada. Prendeme Domenico, o homem saído de um manicômio, de quem se vão esvaindo os fantasmas do passado em que prendera a família em casa, protegendo-a do fim do mundo, que viria, viria. Em Roma, profere, do topo da estátua de Marco Aurélio, a sina do mundo, apelando a que se retorne a tempos mais simples, futuro experimentado. Imola-se. Projetado na parede do meu quarto a preto e branco, Andrei, o escritor russo dominado pela saudade de casa, leva uma vela de uma ponta a outra de uma piscina mineral já seca. Cumpre o “pedido” de Domenico, que dissera que isso salvaria o mundo.

Porque temos medo do tempo? Acabamos por voltar sempre ao mesmo

beco. Como viver sem a escolha, sem a necessidade de ação, sem uma causa – sem a política? Uma e outra vez somos seduzidos por um mundo onde não temos de discordar, nem de perguntar “porquê?”. Esquecemo-nos, na inércia de uma democracia que ainda perdura (durante um pouco) depois de já termos desistido dela. É por isso que Francis Fukuyama me perturba. Que de forma tão eloquente se tenha cristalizado uma tão boa justificação para desertar o debate ideológico, anunciando “o fim da história e o último homem” – quando já se preparava a queda de um anjo, a Guerra ao Terror, a mais crédula tirada do orgulhoso ocidental. A crença no fim do “progresso sociocultural” humano, ou no Fim do mundo, ou na sua Salvação, ou qualquer profecia com ponto final, não vai parar o seu curso. Vai, em vez disso, alienar-nos da participação naquilo que, inevitavelmente, será a nossa herança.

Voltando a Pepetela, é um abandono de uma geração inteira da política, geração que apenas a cumpre e não a constrói. Mas o fim da política é o fim da sociedade livre.



Quem agora sai à rua para lutar contra a regressão da democratização do ensino público nasceu em contraciclo, tal como eu, e as multidões nas ruas parecem apenas exceções nas salas mortíferas do resto do país.

Apontamentos

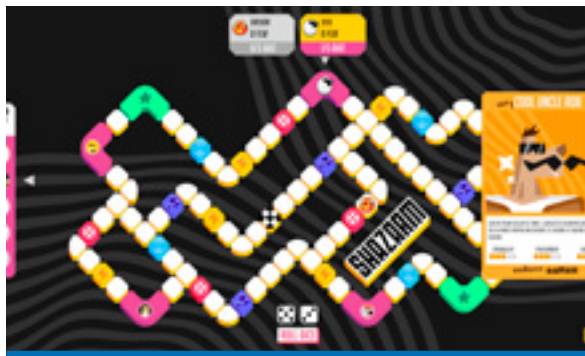


Jornais | Assinaturas grátis para jovens dos 15 aos 18 anos

O Conselho de Ministros do dia 10 de março aprovou a oferta de assinaturas digitais de títulos generalistas e económicos para jovens, no âmbito do Plano de Ação para a Comunicação Social. A assinatura terá um valor de 20 euros, suportado pelo Estado, e abrange um período de dois anos. O objetivo é “fomentar a literacia mediática e o combate à desinformação entre a população jovem”. Não se sabe ainda quando arranca o programa. O Plano Nacional de Literacia Mediática foi também aprovado na mesma reunião.

Casa da Imprensa | Workshop de fotografia com smartphone

“Para iniciantes, entusiastas e comunicadores que querem dominar técnicas básicas e composição, interessados em melhorar a sua fotografia móvel e usar as suas imagens de forma mais impactante.” São estes os destinatários do workshop de fotografia com smartphone que a Casa da Imprensa, em Lisboa, promove em abril. Promete, entre outras coisas, “desafiar a ideia de que criatividade depende dos equipamentos”. O formador é José Manuel Ribeiro. Inscrições e informações: geral@casadaimpresa.pt/213420277/78.



“Science or Scam?” | Jogo digital de combate à desinformação

“Ciência ou fraude?” é a tradução para português do título de um novo jogo digital para jovens entre os 15 e os 29 anos. Os participantes têm de ir respondendo acertadamente a quizzes, “derrotando” informações falsas sobre ciência. O objetivo é vencer o gangue da Má Ciência, que anda a disseminar mentiras — e, assim, salvar o mundo da desinformação. Foi concebido no âmbito do projeto Shazaam, que junta a MOG Technologies, empresa sediada em Portugal, e a Universidade Aristóteles, de Tessalónica, Grécia.

Bolsa | PÚBLICO com projeto para reforçar fact-checking

O PÚBLICO ganhou uma bolsa de financiamento do European Media and Information Fund, que permite reforçar o projeto Prova dos Factos e a produção de *fact-checking* no jornal. Identificação de narrativas e desconstrução de desinformação é a aposta. O jornal e o Medialab do ISCTE vão avaliar constantemente as contas de atores políticos nacionais e internacionais e figuras de outros sectores nas redes sociais. Autênticos “viveiros de desinformação” serão monitorizados diariamente através de *software*.



Formação de professores |

Com o PÚBLICO. E em Bragança

No dia 1 de março, o Agrupamento de Escolas Emídio Garcia, em Bragança, recebeu uma ação de formação para professores dinamizada pelo PÚBLICO na Escola e pelo jornal PÚBLICO. Foram cinco horas divididas em três workshops: “Educar com e para os Media” (Luísa Gonçalves e Carolina Franco, PÚBLICO na Escola); “Prova dos Factos” (Pedro Sales Dias, PÚBLICO); e “Géneros Jornalísticos” (Manuel Carvalho, PÚBLICO). A formação foi acreditada pelo Centro de Formação da Associação de Escolas Bragança Norte.

Convite | Sugestões, interpelações, reclamações...

Façam-nos chegar. Informações sobre iniciativas de educação para os *media*, temas que gostariam de ver abordados neste boletim mensal, jornais escolares em que estejam envolvidos ou que conheçam, dúvidas. No site do PÚBLICO na Escola há um espaço que pode ser utilizado para esse fim: publico.pt/publico-na-escola/escola-no-mapa. Também aqui ouvir os outros é fundamental e sempre enriquecedor.

Plano de aula

Abdul fugiu do Afeganistão a pé e chegou a Portugal em 2022
FOTO: Rui Gaudêncio



Recurso educativo

Imigração em discurso direto

Contextualização

Em tempos tão marcados por fenómenos migratórios, todos os dias chegam às nossas salas de aula alunos de outros países e culturas. Neste contexto, cumpre cada vez mais à escola criar oportunidades para conhecer e valorizar o “outro” numa perspetiva humanista, empática e inclusiva. Pensar propostas pedagógicas que contrariem a polarização e o discurso de ódio, tendências que proliferam nas redes sociais e que o populismo político alimenta.

Neste plano de aula, a escolha do texto da jornalista do PÚBLICO Mariana Durães – “Aos 14 anos, Abdul veio a pé do Afeganistão: ‘Quero mostrar que

um refugiado também pode ajudar” – como ponto de partida para uma sequência de atividades, pretende usar os *media* como um meio seguro para aceder à informação sobre a realidade social, para a utilizar e analisar de forma crítica, estimulando o exercício de cidadanias mais responsáveis. Simultaneamente, proporciona a abordagem de conteúdos curriculares específicos da disciplina de Português, mais concretamente a consolidação das variantes estruturais das diferentes modalidades discursivas, identificando as suas marcas e mobilizando-as na produção de textos escritos.

Assim, este cenário de aprendizagem desenvolve-se em três etapas fundamentais: exploração do texto com o

foco nas marcas textuais do “perfil” e nas diferentes modalidades discursivas (discurso direto, indireto e discurso indireto livre); produção de texto: elaboração de um diário de bordo, partindo de informações recolhidas no texto original; recolha de testemunhos de colegas imigrantes para elaboração dos seus perfis; divulgação e sensibilização na comunidade escolar, através da dinamização de um debate/ mesa-redonda com os testemunhos recolhidos.

DESTINATÁRIOS:

> Alunos do 3.º ciclo e do ensino secundário.

DISCIPLINAS:

> Português / Cidadania e Desenvolvimento.

PRÉ-REQUISITOS:

- > Conhecer a estrutura e as características de um diário de bordo;
- > Conhecer as marcas do discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre.

RECURSOS:

- > Texto do jornal PÚBLICO fotocopiado ou projetado;
- > Gravador (ou telemóvel);
- > Computador e projetor de vídeo.

OBJETIVOS:

- > Identificar tema(s), ideias principais, pontos de vista, causas e efeitos, factos, opiniões;
- > Identificar marcas do discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre;
- > Debater, de forma fundamentada e sustentada, pontos de vista suscitados pelos textos lidos;
- > Escrever textos de acordo com um género textual;
- > Refletir sobre os valores da liberdade, da diversidade e do pluralismo e os direitos e deveres de cidadania face aos *media*.

Plano de aula : Desenvolvimento

Antes da leitura do texto

- > Antecipação da temática do texto, a partir da leitura do título;
- > Diálogo sobre o tema da imigração: os diferentes motivos que podem levar alguém a abandonar o seu país de origem e os desafios com que se pode deparar no país de acolhimento;
- > Partilha de situações conhecidas que se enquadrem na temática.

Momento de leitura do texto

- > Leitura silenciosa do texto;
- > Identificação da fonte e do autor;
- > Reflexão sobre o significado do antetítulo (perfil) e descoberta das marcas do texto que o justificam (biografia com marcas de entrevista, de reportagem e de notícia);
- > Identificação das passagens de discurso indireto (a voz do jorna-

lista); discurso direto (as palavras do entrevistado) e de discurso indireto livre (as palavras do entrevistado que se misturam com a voz do jornalista);

- > Descoberta da importância dos destaques e dos subtítulos, ao longo do perfil.

Depois da leitura do texto

ETAPA 1

Clarificação da tarefa a realizar – transformar o texto jornalístico no diário de bordo de Abdul:

- > Com a ajuda do texto, traçar num mapa o percurso percorrido por Abdul, desde que abandonou o Afeganistão até chegar a Portugal;
- > Fazer corresponder a cada um dos momentos de paragem uma página do seu diário. Para isso, podem usar informações retiradas do texto, assim como outras resultantes de pesquisas adicionais (por exemplo, sobre a guerra no Afeganistão) e que lhes permitam acrescentar momentos/ passagens ficcionais;

> Encontrar a forma mais adequada para apresentar o trabalho final: um trabalho intimista, ilustrativo do percurso complexo e sofrido de Abdul, revelador dos momentos de desânimo, mas também de esperança que vivenciou. O seu verdadeiro “companheiro” de jornada.

ETAPA 2

- > Recolha de testemunhos de colegas de escola que estejam deslocados do seu país de origem;
- > Escrita dos seus perfis, usando o texto de Mariana Durães como modelo de escrita, integrando o uso expressivo e adequado do discurso direto, indireto e indireto livre;
- > Publicação dos textos realizados (por exemplo, no jornal da escola).

ETAPA 3

- > Organização de uma mesa-redonda/ debate sobre o tema “Os rostos da imigração”, em que os alunos entrevistados para a elaboração do perfil sejam convidados a testemunhar as suas experiências; Para a abertura do debate, os alunos devem preparar uma apresentação sobre a temática.

Aconselha-se para o efeito a leitura deste artigo do PÚBLICO, bem como do Barómetro da Imigração - A perspetiva dos portugueses, da responsabilidade da Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Durante a mesa-redonda, os tópicos devem ser sugeridos pelos alunos e previamente preparados com a orientação dos professores.

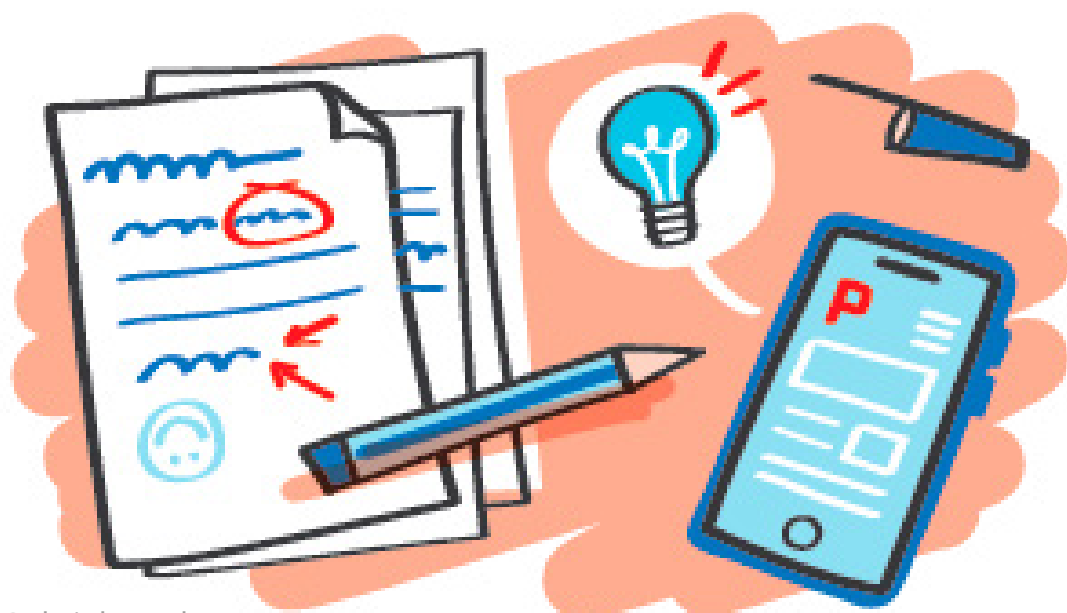
Sugestão de tópicos:

- > Causas da imigração
- > Motivação para a escolha de Portugal como país de acolhimento
- > Expectativas antes da partida
- > Obstáculos enfrentados
- > Como se sentem em Portugal

Avaliação:

- > Envolvimento dos alunos durante todo o processo (responsabilidade, espírito crítico, capacidade de trabalhar de forma colaborativa);
- > Observação direta das intervenções dos alunos;
- > Qualidade e correção dos textos produzidos;
- > Criatividade na apresentação do trabalho (diário de bordo).

O jornal PÚBLICO não é escrito segundo o Acordo Ortográfico de 1990.

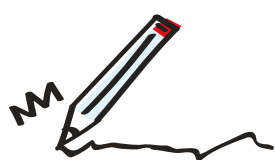


Gabriela Pedro



AUTORA: **ELSA GONÇALVES**, PROFESSORA DE PORTUGUÊS E DE OFICINA DE TEATRO

O flagelo da violência contra as mulheres: um problema que exige ação imediata



TEXTO DE
ANA CAROLINA LOPES MENDES

A notícia publicada no jornal PÚBLICO de 1 de fevereiro de 2025, escrita por Leonor Alhinho, expõe uma realidade alarmante: só no primeiro mês do ano, pelo menos cinco mulheres foram assassinadas pelos seus companheiros em Portugal, vítimas de violência doméstica. A notícia também revela que pelo menos quatro homens já foram detidos por crimes de violência doméstica e outro tipo de violações. Estes números não representam apenas estatísticas. São vidas ceifadas, famílias destruídas

Foto DR.



e o reflexo de uma sociedade onde o machismo e a desigualdade de género continuam profundamente enraizados.

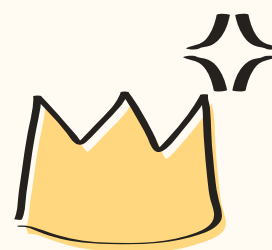
Acho que o aumento dos casos de feminicídio e violência sexual prova que ainda há muitas falhas na proteção das vítimas de violência doméstica. Este tipo de violência não pode ser visto apenas como um problema pessoal, mas como algo muito mais profundo, que precisa de respostas sérias, da parte do Estado e da sociedade. Apesar de já existirem alguns serviços de apoio, muitas mulheres continuam a correr riscos todos os dias.

Por isso, é muito importante que as políticas de prevenção, proteção e punição destes crimes sejam reforçadas. A violência doméstica não é só uma questão de segurança, mas também um problema de saúde pública e de justiça social. As vítimas, que na maioria dos casos são mulheres, precisam de apoio psicológico e de assistência jurídica para conseguirem sair dessas situações. Além disso, é essencial apostar mais na educação para a igualdade de género para que, no futuro, não se continuem a repetir os mesmos padrões de violência e de desigualdade.

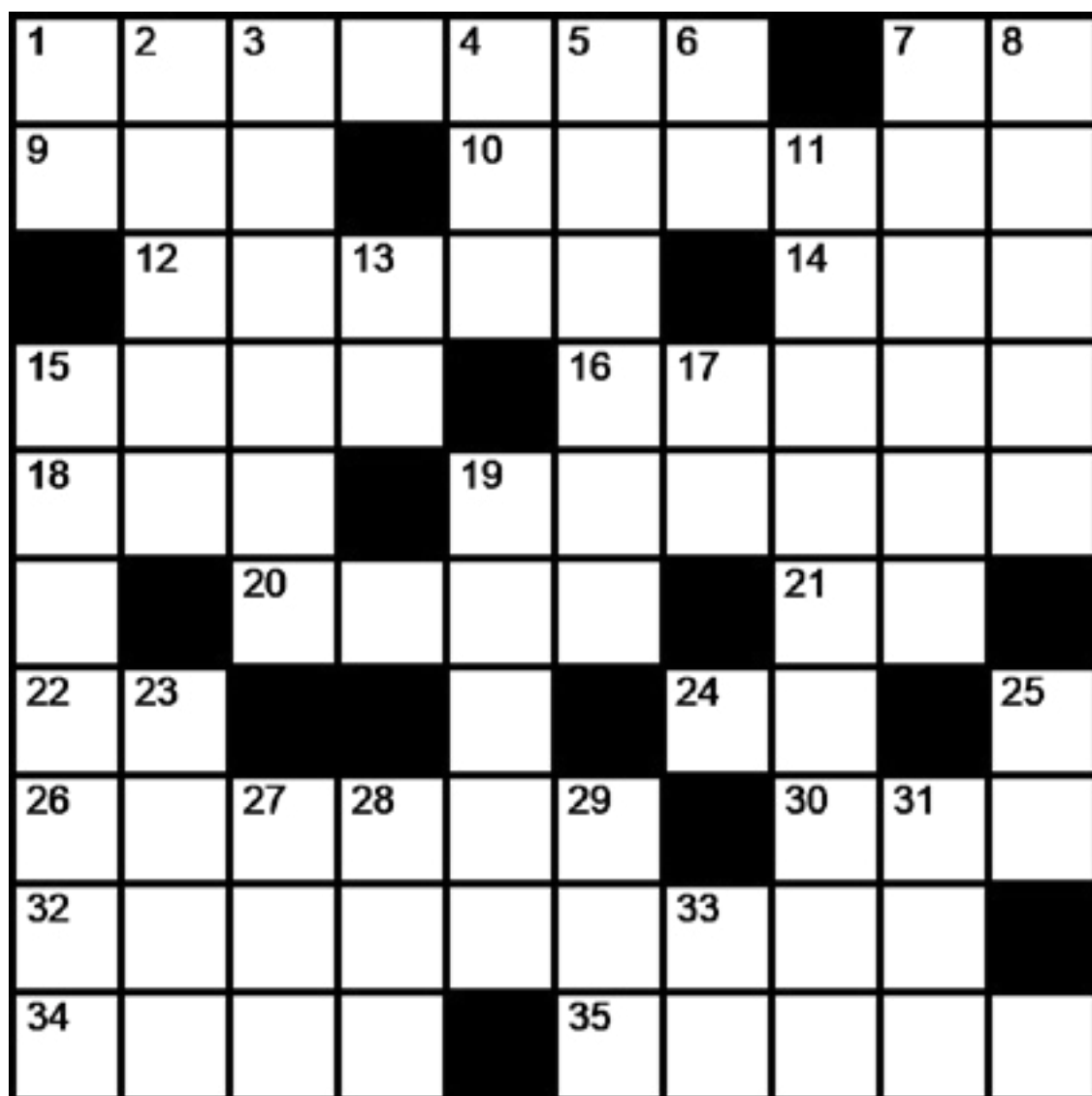
Não podemos aceitar que a violência contra as mulheres continue a ser banalizada ou tratada como um problema secundário. A luta contra o feminicídio deve ser uma prioridade nacional. É tempo de transformar a indignação em ação concreta.



Estes números não representam apenas estatísticas. São vidas ceifadas, famílias destruídas e o reflexo de uma sociedade onde o machismo e a desigualdade de género continuam profundamente enraizados.

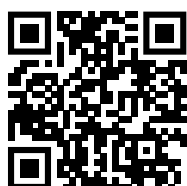


Iniciativa do projeto **PÚBLICO na Escola** e da **Rede de Bibliotecas Escolares (RBE)**, o concurso “Isto também é comigo!” distingue, todos os meses, um texto de opinião da autoria de estudantes do ensino secundário, tendo como ponto de partida para a reflexão um trabalho do PÚBLICO — que, em fevereiro de 2025, foi “Pelo menos cinco mulheres mortas desde o início de 2025”, de Leonor Alinho, manchete da edição do dia 1. Integraram o júri, nesta edição de fevereiro: Carla Fernandes, elemento da equipa do Gabinete Coordenador da RBE; Carolina Franco, jornalista, PÚBLICO na Escola; Cláudia Sá, professora, AE António Correia de Oliveira, em Esposende; e Lara Batista, aluna do 12.º ano do Agrupamento de Escolas de Monserrate.



Vamos Cruziscar #65

Palavras Cruzadas por Paulo Freixinho



Versão online e com soluções:
[palavracruzadas.pt/jogos/
 publico-na-escola-vamos-cruziscar-65](http://palavracruzadas.pt/jogos/publico-na-escola-vamos-cruziscar-65)

HORIZONTAIS:

- 1.** (?) PÚBLICO na Escola, uma vez por mês, segue por e-mail para os membros da Rede PÚBLICO na Escola. **7.** Atmosfera. **9.** Rede de Bibliotecas Escolares. **10.** Onde decorreu o 4.º Encontro Nacional de Jovens Jornalistas. **12.** Rasga. **14.** Com acerto. **15.** Cura. **16.** Aresta de monte, espinhaço. **18.** Completa o provérbio: "Do (...) nasce o abuso". **19.** (?) em Português, jornal escolar suíço criado pela professora de português Amélia Pessoa. **20.** Soberanos. **21.** Abreviatura de senhor. **22.** A sílaba que se repete em LITERATURA. **24.** Inteligência Artificial. **26.** Exalam. **30.** Entreguei. **32.** "O que falta para deixarmos de ser (?)?", a pergunta com que Ana B. Pereira terminou a sua crónica, "Fujo ao fisco", no Boletim Público na escola n.º 2. **34.** Elogios. **35.** Campesino.

VERTICAIS:

- 1.** Brasil (Internet). **2.** Trabalhos. **3.** (?) Amaral Pires, aluna do 11.º ano no AE Carolina Michaëlis, Porto, foi a vencedora do concurso "Isto também é comigo!" do mês de janeiro de 2025. **4.** Transportes Aéreos Portugueses. **5.** Não feridas. **6.** Símbolo de milímetro. **7.** Ligar-se. **8.** Domingo de (?), último dia da Quaresma (antecede a Páscoa). **11.** Ardente. **13.** O início e o fim da MAGIA. **15.** Insólito. **17.** Artigo antigo. **19.** Dão a volta. **23.** Arrufo. **25.** Sétima nota musical. **27.** Aperta com nó. **28.** Laços apertados. **29.** Oceano. **31.** Agência Espacial Europeia. **33.** A tua pessoa.

